

145- DESPROGRAMANDO O RACISMO: TECNOLOGIAS DIGITAIS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Marinalva de Oliveira Maximo – Universidade Estadual de Maringá,
marinalva.maximo@escola.pr.gov.br;

Fabiane Freire França – Universidade Estadual de Maringá, fffranca@uem.br;

Formação docente continua para uso crítico e criativo das tecnologias digitais e ia
palavras-chave; Racismo estrutural.; Formação docente; Inteligência artificial;

Sessão 1 – Manhã (Sala Virtual 3)

O racismo estrutural está presente em diversas esferas sociais, inclusive nas tecnologias utilizadas na educação. Com o avanço da inteligência artificial e de recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem, torna-se urgente analisar como essas ferramentas reproduzem estereótipos e reforçam desigualdades. Diante desse contexto, foi desenvolvida uma prática pedagógica no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, no componente curricular que trata das relações étnico-raciais e do uso de tecnologias educacionais. A proposta teve como objetivos: 1) investigar o racismo imagético presente em materiais e plataformas digitais utilizadas em escolas públicas; 2) promover uma análise sobre a representação da população negra em conteúdos digitais e respostas geradas por inteligência artificial; 3) estimular a formação docente e antirracista.

A atividade ocorreu em três etapas. Na primeira, os(as) estudantes analisaram vídeos, animações e livros digitais utilizados na rede pública de ensino, identificando representações estereotipadas ou a ausência da população negra em papéis de protagonismo. Na segunda etapa, utilizaram ferramentas de inteligência artificial generativa, como assistentes virtuais e geradores de imagens, para investigar como essas tecnologias representam a história brasileira. As respostas revelaram omissões da violência da escravização e ausência de representatividade negra em cargos de destaque. Na terceira etapa, as reflexões dos grupos foram socializadas.



A experiência permitiu ampliar a consciência sobre o racismo presente nas tecnologias educacionais e evidenciar os filtros coloniais nos algoritmos de inteligência artificial. A atividade demonstrou que práticas pedagógicas fundamentadas em uma perspectiva crítica e libertadora podem provocar deslocamentos de percepção e contribuir para currículos mais inclusivos. A formação docente precisa considerar a leitura crítica dos recursos tecnológicos como parte essencial de um projeto educativo antirracista e emancipador.